

A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DO SÍTIO LIMOEIRO: CONTRIBUIÇÕES AO ESTILO KORIABO, BAIXO RIO JARI, AMAPÁ.

Taliany Cristiny dos Santos Reis¹
Alan Silva Nazaré²

Resumo

Este artigo apresenta os resultados da análise tecno-morfológica e estilística da cerâmica arqueológica do compartimento Limoeiro Platô, área dentro do Sítio Limoeiro, localizado às margens do Rio Jari, no município de Laranjal do Jari, sul do Estado Amapá. Estes estudos estão baseados na identificação das decorações plásticas desses materiais e suas associações com o estilo cerâmico da fase Koriabo, já identificado em diversos sítios do baixo Rio Jari. Esse processo resultou no registro de decorações como incisões, raspados, lobulados digitados e apliques em botão (nubbins), todos característicos do estilo Koriabo. A partir dos seus resultados, este artigo corrobora para as pesquisas arqueológicas na região do Vale do Jari, bem como para as discussões sobre a ocupação indígena na região sul do estado do Amapá.

Palavra-chave: Sítio arqueológico; Cerâmica; Koriabo; Amapá.

¹ Bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do IEPA, discente do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: taliany.reis99@gmail.com

² Arqueólogo do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do IEPA. Especialista em Arqueologia da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: alanazare@gmail.com



1. APRESENTAÇÃO

Este artigo é resultado da pesquisa de Iniciação Científica “Os Espaços Culturais do Sítio Limoeiro: Interpretações a partir da tipologia cerâmica, Laranjal do Jari, Amapá”, desenvolvido no âmbito do programa de bolsas de Iniciação Científica do NuPARq/IEPA³, em Macapá, no Amapá.

O sítio Limoeiro está localizado à margem esquerda do Rio Jari, dentro da área de impacto direto das obras da UHE Cachoeira Santo Antônio, cujas escavações foram objeto de salvamento por meio da arqueologia preventiva na área deste empreendimento (Scientia 2013). A salvaguarda do material arqueológico do sítio encontra-se hoje sob a responsabilidade da Reserva Técnica do NuPARq/IEPA.

O sítio Limoeiro ocupava duas áreas topograficamente distintas e foi registrado a partir de sua espacialização em dois compartimentos: o Limoeiro e o Limoeiro Platô, como mostra o mapa (Figura 1). O compartimento Limoeiro foi registrado como uma área levemente inclinada que se estendia paralelamente ao rio Jari, enquanto o compartimento Limoeiro Platô ocupava uma área nos altos de uma colina. Para efeito deste estudo, somente os vestígios do Compartimento Limoeiro Platô serão apresentados, uma vez que sua análise já havia finalizada, apresentando variabilidade de cerâmica decorada. Ao contrário do Compartimento Limoeiro, que sua análise se encontra em andamento, impossibilitando a publicação dos seus resultados.

Ainda que os estudos desse contexto não tenham sido possíveis, os dados obtidos pelas análises do Limoeiro Platô asseguram a presença de decorações plásticas/ traços decorativos associados ao estilo cerâmico da fase Koriabo. Os resultados apresentados neste artigo somam-se a diversas outras pesquisas realizadas na região sul do Amapá, no Vale do Jari.

³ Núcleo de Pesquisa Arqueológica, Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá.



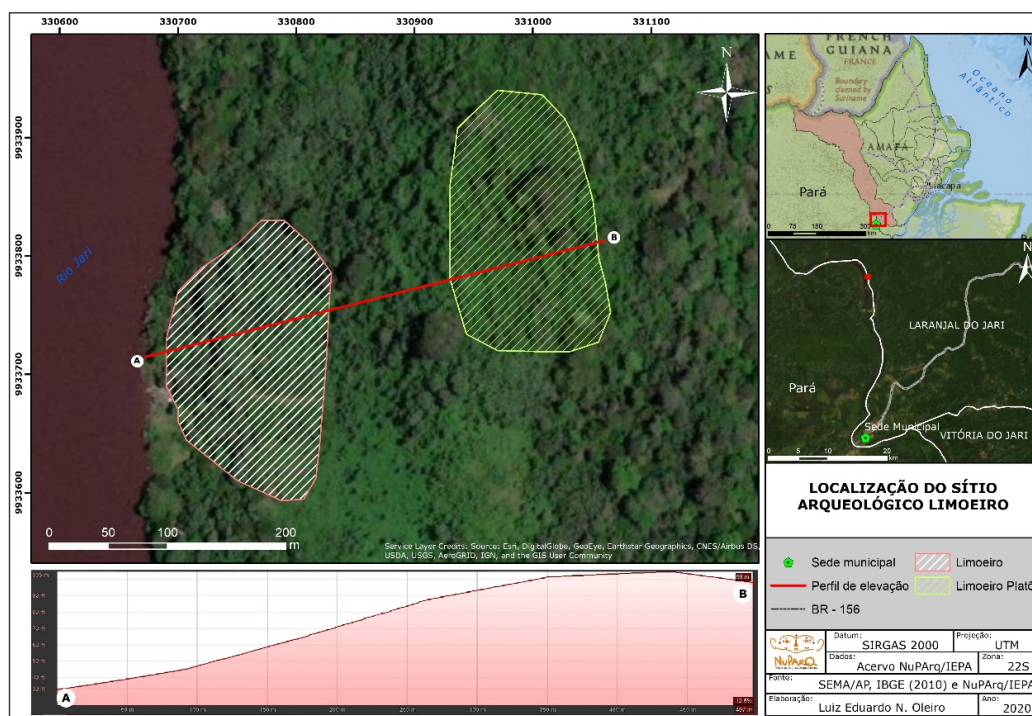


Figura 1 - Localização dos Compartimentos do Sítio Limoeiro. Fonte: SEMA/AP, IBGE (2010) e NuPArq/IEPA.

2. A CERÂMICA KORIABO

Os primeiros registros da denominada cerâmica Koriabo foram documentados no escudo das Guianas (Evans & Meggers 1960, Boomert 1986, Versteeg 2003, Rostain 2009, Van den Bel 2010, Cabral 2011, Saldanha et al. 2016). Na década de 1950, Clifford Evans e Betty Meggers registraram e classificaram a cerâmica Koriabo a partir de seis cortes estratigráficos feitos em quatro sítios arqueológicos situados na bacia do Rio Barima, na Guiana. Estes arqueólogos estabeleceram cinco estilos diagnósticos para os vestígios arqueológicos identificados, sendo três estilos simples (Barima liso, Koriabo liso e Warapoco liso), e outros dois decorados (Koriabo inciso e Koriabo raspado). O tempero da pasta era composto em grande quantidade de areia e também foi identificado o cariapé em pequena quantidade. As decorações foram denominadas de Koriabo inciso, caracterizado por incisões combinadas com apliques de botões formando pequenos rostos, quanto à decoração inciso raspada, por largas e rasas incisões feitas com instrumentos de ponta plana, formando desenhos em combinação a apliques de botões, criando rostos localizados na borda das vasilhas (Evans & Meggers 1960).

No Caribe, as pesquisas de Boomert (1986) descreveram que o complexo cerâmico Cayo, de St. Vicent, estava relacionado à cerâmica Koriabo das Guianas. Através das análises dos elementos das cerâmicas Cayo e Koriabo, identificou uma estreita semelhança entre os dois complexos como a presença de jarros globulares, tigelas côncavas e potes com gargalo convexo. A maioria das técnicas e motivos decorativos Cayo podem ser considerados como cópias diretas das características do complexo Koriabo. As incisões e incisões raspadas com pinturas vermelha e branca, bordas lobuladas e apliques em botões são exemplos de modos decorativos Koriabo. O tempero identificado na argila das cerâmicas Koriabo é composto por areia com quartzo, areia com mica e cariapé, o mesmo utilizado pelos ceramistas do complexo Cayo em St. Vicent. Em parte do seu repertório cerâmico, os poucos cacos temperados com cariapé do complexo Cayo representam peças relacionadas à trocas comerciais com a região das Guianas (Boomert 1986).

No interior do estado do Amapá, em área predominantemente montanhosa, foram identificados diversos sítios com presença de cerâmica arqueológica relacionada à fase Koriabo (Saldanha et al. 2016). Segundo Saldanha e colaboradores (2016), os elementos diagnósticos da cerâmica Koriabo dessa região correspondem a características decorativas e morfológicas específicas, caracterizadas pelos vasos “tóricos”, “ouriçoformes” e “floriformes”. Além disso, também são caracterizadas por um repertório decorativo que pode associar incisão/gravura, raspagem, finos aplicados e pequenos apliques em forma de pastilhas para formar as decorações complexas. De acordo com a análise de Barreto (2015), o conjunto cerâmico Koriabo no Amapá apresenta tempero predominante de quartzo com minerais negros, seguido por cariapé, cariapé com quartzo e fragmentos com a presença somente do quartzo.

Mais recentemente, outras regiões da Amazônia foram o foco de resultados de pesquisas que apontaram para a presença da cerâmica Koriabo. Na região do baixo Amazonas, Barreto & Lima (2021) assinalam a presença de dois sítios arqueológicos com cerâmicas Koriabo na região dos municípios de Monte Alegre e Melgaço. Estudos arqueológicos com cerâmicas encontradas na região do rio Xingu também revelaram resultados atuais sobre vasilhas e fragmentos com a presença de elementos decorativos Koriabo (Castro et al. 2021, Fernandes et al. 2018).

Estes resultados sintetizam que a uma ampla dispersão do mobiliário cerâmico Koriabo pelo escudo das Guianas, no baixo Amazonas chegando até o rio Xingu, assim como assinalam a existência de possíveis redes de trocas sobre tal cultura (Barreto et al. 2021).



3. COMPARTIMENTO LIMOEIRO PLATÔ

A coleção analisada consistiu no total de 262 fragmentos. Esses materiais inicialmente foram separados em suas duas categorias: o material diagnóstico e não diagnóstico. Os materiais diagnósticos, como as bordas lisas e decoradas, parede decorada, bases, apliques, carenas, contabilizaram 286 fragmentos. Já os vestígios sem decorações contabilizaram 2.272 mil fragmentos, somados a um contingente de 3.258 mil fragmentos menores que dois centímetros, estes últimos não considerados no processo de análise estilística e morfológica na pesquisa.

A análise dos tributos decorativos privilegiou o conjunto cerâmico identificados nas unidades de escavação do compartimento Limoeiro Platô (Figura 2). Esse espaço apresentou unidade de escavação com a presença de terra preta arqueológica-TPA, além de vestígios com melhores condições de preservação, especialmente dos atributos considerados para esta pesquisa.

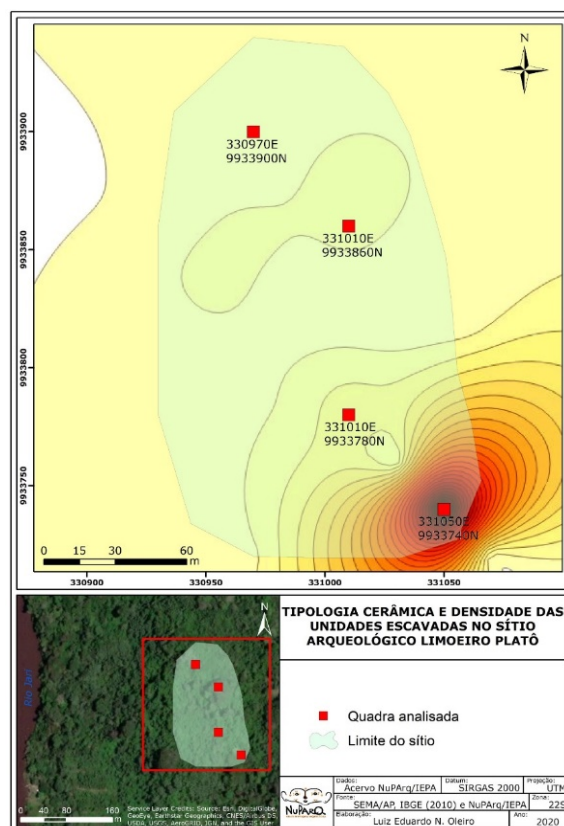


Figura 2 - Localização das unidades escavadas. Fonte: SEMA/AP, IBGE (2010) e NuPAq/IEPA.

4. ATRIBUTOS DE ANÁLISE

Para a análise do material arqueológico, foi utilizada a ficha de atributos tecnológicos e estilístico do NuPArq/ IEPA, que contempla os critérios tecnológicos (cor da argila, preservação, antiplástico técnica de manufatura, marcas de uso, marcas de manufatura, tratamento de superfície e queima), elaborada a partir dos estudos realizados por Rye (1988), Rice (1987), Sinopoli (1991) e Shepard (1956).

Como referência para a análise da forma da borda e reconstituição das vasilhas, se utilizou as considerações de Vacher et al. (1998), Rice (1987). As pesquisas de Evans e Meggers (1960), Boomert (1986), Rostain (1994), Barreto (2015) e Saldanha et al. (2016), serviram como base para análise estilística, possibilitando identificar as tipologias e modos decorativos (banho, pintura e decoração plástica) do estilo Koriabo. A análise cerâmica privilegiou fragmentos diagnósticos com superfícies preservadas, possibilitando a identificar a decoração e outros atributos tecnológicos.

5. ANÁLISE TECNO-MORFOLÓGICA E ELEMENTOS DECORATIVOS

Na coleção, as bordas lisas e decoradas e paredes decoradas foram as mais frequentes entre os fragmentos analisados. São destacados nestes resultados os principais atributos de análise. Iniciamos com a técnica de manufatura roletado como a opção do artesão para a confecção da vasilha cerâmica. O tratamento de superfície identificado foi o alisamento da superfície em ambas as faces do fragmento, o que configura o apreço ao acabamento das peças.

A análise do antiplástico apontou o quartzo como mineral adicionado em maior frequência, ainda que tenham sido identificados a presença de um mineral escuro, denominado por Barreto (2015) como *mineral negro graxoso*, e singularizado por conferir um aspecto brilhoso à superfície da cerâmica. Conforme comentado pelo autor, análises arqueométricas realizadas sob a responsabilidade de Marcondes Costa, do IG/UFPA, identificaram este mineral como ilmenita (Barreto 2015), que juntamente ao quartzo, são os principais elementos presentes na argila do material analisado.

A análise da superfície dos fragmentos quanto à sua preservação apontou para uma coleção cerâmica com preservação total ou parcial em ambas as faces do fragmento. O grau de preservação da superfície cerâmica contribuiu para uma análise mais confiante e detalhada de seus atributos. Sobre o atributo queima da vasilha, a redutora interna com oxidação externa foi



a mais frequente. Este resultado sugere que além do antiplástico adicionado à argila, essa matéria-prima também apresenta pelo menos uns dez por cento de matéria orgânica natural. A prática de queima a céu aberto em condições oxidante foi a escolha do artesão que se destaca nesse tipo de queima em que o fragmento apresenta núcleo escuro e bordas mais claras.

Nos atributos estilísticos foram identificadas as decorações pintadas como os banhos e pinturas na cor vermelho em fragmentos de borda e parede. As decorações plásticas que se destacaram na análise foram os fragmentos de borda, carena e parede com acastelado, lobulado, digitado, inciso (retilíneo e curvilíneo) e apliques em botões (nubbins) ou pastilhas. Por fim, os motivos decorativos iconográficos com suas representações antropomorfas e zoomorfas aplicadas as vasilhas de uso cerimonial e/ou utilitárias. A seguir, apresentamos uma breve amostra do material arqueológicos (Figura 3 a 6), com as decorações de maior ocorrência e que são frequentemente encontradas em vasilhas identificadas nos contextos da fase Koriabo.



Figura 3 - Detalhes dos apliques em botão (1). Abaixo os apliques junto a decoração raspada. Fonte: NuPArq/IEPA.





Figura 4 - Decoração raspada na parede da borda junto a lobulados como modificação da mesma borda (1). Abaixo o raspado em curvilíneas e linhas retas (2 e 3). Fonte: NuPArq/IEPA.



Figura 5 - Modificação da borda com decoração Acastelado (1). Ao lado, borda com modificação em Lobulado (2). Fonte: NuPArq/IEPA.





Figura 6 - Incisões paralelas e circulares (1). Ao lado, incisões paralelas curvilíneas (2). Fonte: NuPArq/IEPA.

Para estabelecermos a tipologia cerâmica do Compartimento Limoeiro Platô foi necessário o uso de software de vetorização gráfica para a reconstrução hipotética do formato das vasilhas a partir dos fragmentos de borda. A morfologia das bordas baseou-se nos atributos de forma do lábio, forma da borda e forma do pescoço (Vacher et al. 1998).

A tipologia apresentada por Barreto (2015), serviu de referência para a caracterização e comparação da tipologia deste trabalho, especialmente por recentes estudos sobre a cultura material daquela região.

Como colaboração para a análise tipológica, recorremos ao conceito de *tipologia intuitiva*, de Sinopoli (1991). De acordo com a autora, a tipologia intuitiva é baseada no reconhecimento e divisão de materiais tendo como base a percepção de padrões de similaridades ou diferenças. Esse processo envolve a escolha de cacos cerâmicos ou um conjunto de vasilhas. Assim, membros de cada conjunto se parecem mais do que com membros de outros conjuntos cerâmicos.

A análise tipológica do material cerâmico do Compartimento Limoeiro Platô, apresenta variabilidade e semelhanças nos modos de confecção em seu formato, abertura e decoração em relação às formas identificadas e classificadas por Barreto (2015), como mostra a figura 7.



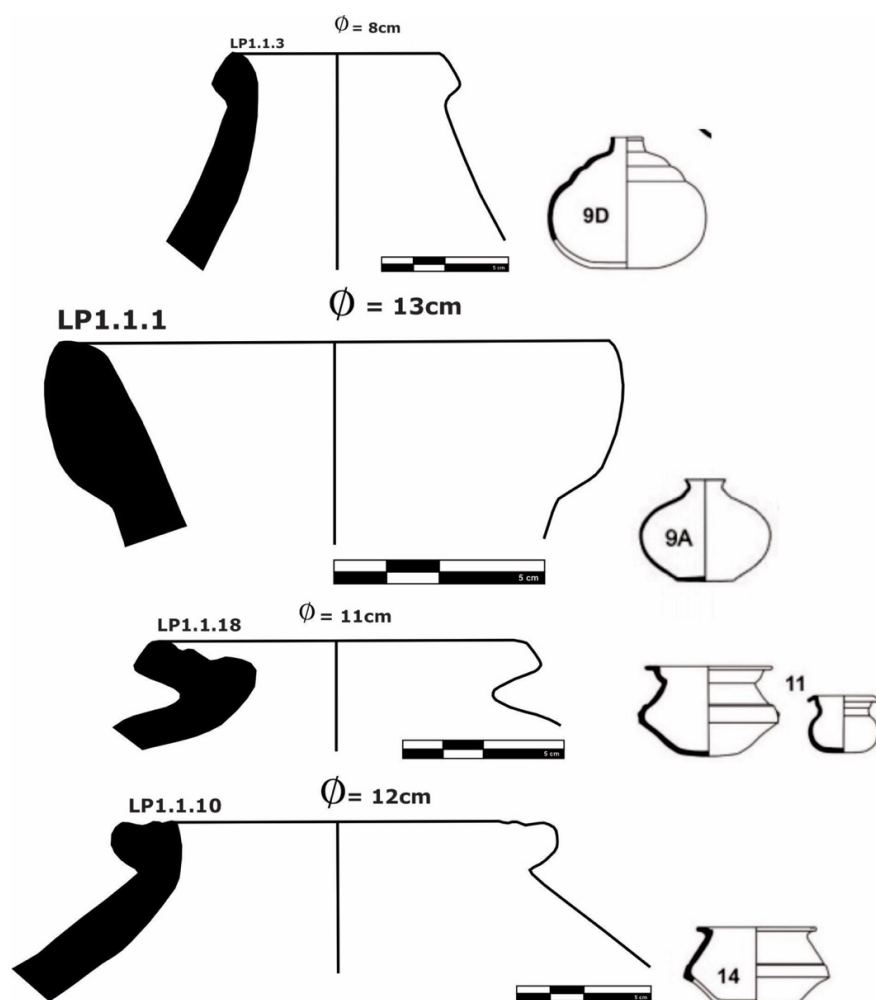


Figura 7 - À esquerda, a tipologia do Compartimento Limoeiro Platô. À direita, a classificação tipológica descrita por Bruno Barreto. Fonte Barreto (2015).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com vestígios arqueológicos é guiado por um aspecto fundamental no modo de fazer pesquisa científica e isso se deve à construção de um olhar treinado ao longo do contato com o material, tanto em campo como no laboratório (Câmpera 2012). Ao longo do tempo, o conhecimento sobre distribuição da cerâmica Koriabo por toda a região Amazônica têm sido descrito por diversos pesquisadores da região. Nas últimas décadas, a configuração espacial da história pré-colonial do complexo Koriabo aparecem descritas no escudo das Guianas e mais recentemente nas regiões do baixo Amazonas e na foz do rio Xingu (Fernandes et al. 2018, Castro et al. 2021).



A distribuição dessa cerâmica identificada, inicialmente, na costa oeste da Guiana a partir das pesquisas de Clifford Evans e Betty Meggers (1960) estabeleceram a Fase Koriabo como relacionada a cinco estilos distintos, sendo três estilos simples: Barima liso, Koriabo liso e Warapoco liso, e outros dois decorados: Koriabo inciso e Koriabo raspado.

No Amapá, na última década tem se discutido a presença do material Koriabo em sítios localizados na região do Vale do Jari, sul do estado, e no sítio Curiaú Mirim, situado em Macapá (Saldanha et al. 2016). Essas pesquisas demonstram a dispersão da cerâmica Koriabo no Amapá (Cabral 2011, Saldanha et al. 2016, Lima 2017), especialmente considerando os aspectos decorativos e morfológicos das cerâmicas identificadas nesses contextos.

Os resultados da análise dos materiais do Compartimento Platô Limoeiro revelaram diversos elementos decorativos semelhantes encontrados em contextos da fase Koriabo identificados em sítios da região do Vale do Jari. Foram identificados a utilização de decorações raspadas, incisões e modificações das bordas como as decorações lobuladas, digitados e pequenos apliques de pastilha ou botões, estas últimas usadas para a confecção de rostos antropomorfos em algumas vasilhas.

A ocorrência desse estilo cerâmico pela Amazônia tem despertado discussões sobre a dispersão do estilo Koriabo. Segundo Saldanha e Cabral (2021), é importante avaliar as possibilidades de compreender a ampla dispersão da cerâmica Koriabo como indício de antigas redes de trocas, não restritas a produtos, mas, incluindo tecnologias, significados e ideias. Por outro lado, Barreto (2021) destaca uma problemática nas pesquisas com esse tipo de cerâmica, que são as definições baseadas quase exclusivamente na morfologia das vasilhas e suas decorações. Para o autor, outros elementos associados à cerâmica não foram profundamente estudados, como a possibilidade de possíveis hibridismos locais da cerâmica e outros detalhes do contexto arqueológico.

Cabral (2011) também assinala o caráter generalizador do termo Koriabo, onde semelhanças são ressaltadas e as diferenças negligenciadas, cujo resultado é uma tendência à homogeneização. A autora argumenta que o modo como as escavações são realizadas podem influenciar na interpretação dos contextos arqueológicos do estilo Koriabo; ressalta que essa escolha é extremamente importante para o resultado da pesquisa. Por outro lado, as escavações



em áreas amplas podem permitir a obtenção de informações mais detalhadas, possibilitando inferências mais assertivas sobre os contextos com cerâmica Koriabo, ao contrário das coletas superficiais e intervenções pontuais que fornecem poucas informações contextuais (Cabral 2011, Van den Bel 2010, Barreto 2021).

As discussões sobre as afiliações e interpretações das cerâmicas Koriabo são complexas e refletem a fragilidade de tais classificações tipológicas no nordeste da Amazônia, onde a dinâmica do fluxo estilístico e as fronteiras regionais parecem muito fluidas e ainda são pouco compreendidas (Barreto 2016 apud Barreto & Lima 2021).

Neste sentido, a busca por conhecimento sobre a cerâmica Koriabo fazem emergir novos dados e instigantes interpretações, ainda mais mediante à diversificação geográfica dos contextos arqueológicos com esse tipo de material. A análise dos materiais do Compartimento Platô é uma contribuição às pesquisas arqueológicas desenvolvidas na região do baixo rio Jari, corroborando para a história da longa ocupação dos povos indígenas nesta região.



TABELA DE LEGENDAS DA FIGURA 7

Tipo 9D	Grande jarro ovoide de contorno complexo, possui abertura restringida e geometria ovoide de contorno complexo com três pontos de inflexão. Usado para transportar e estocar líquidos. Associado à Fase Koriabo.
Tipo 9A	Jarro grande, restringido com pescoço apresenta perfil exterior côncavo e contato suave. Utilizados para transportar e estocar líquidos . Associado à fase Jari .
Tipo 11	Jarros e potes torácicos, caracterizados pela presença de flanges labiais decoradas, o contorno complexo com vista lateral globular e a abertura restringida. Possível uso cerimonial/simbólico . Associado à Fase Koriabo .
Tipo 14	Vasilha ouriçoforme, caracterizado pela abertura restringida com decorações raspadas sobre o lábio, flange labial e/ou sobre o corpo. O contorno das vasilhas é complexo, com uma carena que divide o corpo das peças entre uma parte inferior e superior. Possível uso cerimonial/simbólico . Associado à Fase Koriabo .

Referências

- Barreto, B. de S. 2015. Diacronia e cultura material no sítio Laranjal do Jari 01: Um assentamento associado às cerâmicas Jari e Koriabo, baixo rio Jari, sul do estado do Amapá (670-1450 AD). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju.
- Barreto, B. de S. 2021. Understanding Jari and Koriabo Ceramics from Southern Amapá, in Koriabo: from the Caribbean Sea to the Amazon River. Editado por C. Barreto, H. Lima, S. Rostain, C. Hofman. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi.
- Barreto, C. et al. 2021. Koriabo: from the Caribbean Sea to the Amazon River. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi.
- Barreto, C; Lima, H. 2021. Understanding the Dispersion of Ceramic Styles in the Amazon: what is Koriabo?, in Koriabo: from the Caribbean Sea to the Amazon River. Editado por C. Barreto, H. Lima, S. Rostain, C. Hofman. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi.
- Boomert, A. 1986. The Cayo complexo f St. Vincent: ethnohistorical and archaeological aspects of the Island Carib problem. *Antropologica*, 66: 3-68.



- Cabral, M.P. 2011. Juntando cacos: Uma reflexão sobre a classificação da fase Koriabo do Amapá. *Amazônica* 3 (1): 88-106.
- Câmpera, L. 2012. Sobre o olhar – um exercício de apresentação e discussão do conhecimento produzido sobre os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais. Artigo. *Revista de Arqueologia*, v. 24.
- Castro, A. M. et al. 2021. The Koriabo Pottery at the Volta Grande do Rio Xingu. in Koriabo: from the Caribbean Sea to the Amazon River. Editado por C. Barreto, H. Lima, S. Rostain, C. Hofman. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Evans, C., Meggers, B. 1960. Archeological Investigations in British Guiana. Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology, Bulletin 177, Washington.
- Fernandes, G. C. B.; Lima, H. P.; Ribeiro, A. B. 2018. Cerâmicas Koriabo e Problemáticas sobre a Arqueologia na Foz do Rio Xingu. *Habitus*, v. 16. N. 2, p. 403-424, jul/dez. Goiânia.
- Lima, J. J. S. de. 2017. Práticas de Deposição na Amazônia Antiga: As Estruturas Arqueológicas dos Sítios Laranjal do Jari I e II do Sul no Amapá. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Rice, P. 1987. Pottery Analysis: A Sourcebook. Chicago: The University of Chicago Press.
- Rostain, S. 1994. L'occupation Amérindienne Ancienne du Littoral de Guyane. Tese de Doutorado, Centre de Recherches en Archéologie Précolombienne, Université de Paris I – Panthéon/Sorbonne.
- Rostain, S. 2009. Between Orinoco and Amazon: The Ceramic Age in the Guianas, in Anthropologies of Guayana: Cultural Spaces in Northeastern Amazonia, pp.36-54. Editado por N. L. Whitehead & S. W. Alemán. Tucson: University of Arizona Press.
- Rye, O. S. 1988. Manuals on Archeology: Technology, principles and reconstruction: Australian National University.
- Saldanha, J.D.de M.; Cabral, M. P. Nazaré, S. N. L., J.S. e Silva, M.B.F. da. 2016. Os complexos cerâmicos do Amapá: Proposta de uma nova síntese, in Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese. Editado por C. Barreto, H. P. Lima, C. J. Betancourt, Belém: IPHAN: Ministério da Cultura, 86-96.
- Scientia Consultoria Científica. 2013. Relatório final das Atividades de Resgate na Área do Reservatório. São Paulo.
- Shepard, A. O. 1956. Ceramics for the archaeologist. Carnegie Institution of Washington: Washington.
- Sinopoli, C. M. 1991. Approaches to Archaeological Ceramics. Plenum Press: New York. Tradução: Clarisse C. Jacques
- Vacher, S.; Jeremie, S.; Briand. 1998. Amérindiens du Sinnamary (Guyane): archéologie en forêt équatoriale. Documents d'archéologie française, vol. 70. Paris: Maison des sciences de l'Homme.
- Van den Bel, M. 2010. A Koriabo site on the Lower Maroni river: results of the pre-ventive archaeological excavation at Crique Sparouine, French Guiana. *Arqueologia Amazônica*. Organização E. S. Pereira e V. Guapindaia. Belém: MPEG/ IPHAN/ SECULT, n. 1, 61-93.
- Verteeg, Aad H. 2003. Suriname before Columbus, in Libri Musei Surinamensis, Stichting Surinams Museum, Paramaribo. n. 1.

